

Estabilização antes de voltar a crescer

por Getulio Bittencourt
de Nova York

O Brasil trabalha com o horizonte de concluir um acordo sobre a dívida externa com os bancos comerciais "tão longo saia o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI)", afirmou ontem o diretor da área externa do Banco Central, Arminio Fraga, durante o seminário "Brasil para os investidores", organizado por este jornal, no Grand Hyatt Hotel.

Fraga diria depois que o País espera concluir o acordo com o FMI entre o final deste ano e o início do próximo, o que coloca a data provável do acordo sobre a dívida com os bancos por volta de fevereiro de 1992.

Ele admitiu, porém, que o acordo com os bancos não está no primeiro plano agora, ocupado pelo esforço do governo para estabilizar a economia interna do País. Fraga afirmou que a política econômica dos últimos governos brasileiros vinha se caracterizando pela falta de controle macroeconômico e excesso de controle microeconômico (sobre os negócios em si), e que o governo Collor procura reverter essa tendência.

"Por isso vocês devem perceber a atual turbulência no Brasil como uma oportunidade para investir", alertou. "A nossa é uma visão que veio para ficar." Fraga diria também que o atual governo acredita que sem a estabilização da economia não é possível crescer: "Não há solução mágica", admitiu. "Se fizermos os ajustes, quando começarmos a crescer, teremos um crescimento muito rápido. Se não fizermos, não teremos crescimento algum."

O diretor do BC disse que o déficit fiscal será controlado com uma combinação de uma política monetária apertada, que já estaria em execução, e da reforma fiscal que está sendo preparada. A reforma fiscal deverá incluir, segundo ele, uma mudança de perspectiva, suprimindo a discriminação ao capital estrangeiro.

A parte da reforma que trata da mudança do sistema de coleta de impostos para evitar a evasão está concluída, informou. Fraga descartou a hipótese, levantada por uma pergunta do plenário, de aplicar no Brasil o programa do ministro Domingo Cavallo na Argentina. "A estrutura da economia brasileira é dife-

rente, não é tão aberta como a da Argentina", ponderou.

Ele disse que entraram no Brasil nos primeiros nove meses deste ano US\$ 8 bilhões, sob as mais diversas formas: CDB, "commercial papers", eurobônus, financiamentos de exportação e importação, investimento direto, investimento nas bolsas de valores, securitização de exportações. "Esse total não é o líquido, mas apenas a soma do que entrou", explicou. "Estimamos que o total deste ano chegará a US\$ 10 bilhões."

"Dentro de um ano, com o programa de privatização andando e um acordo com os bancos pelo Plano Brady, o Brasil poderá captar entre US\$ 2 bilhões e US\$ 3 bilhões por ano no mercado de capitais"; essa previsão foi feita pelo diretor-gerente da Merrill Lynch, Emilio Lamar, que já viu concretizada sua estimativa, feita há dois anos, de que o País poderia captar US\$ 1 bilhão por ano lançando bônus. Disse que o mercado de capitais do Brasil chegará ao mesmo tamanho do mexicano "em um ano".